

1.30 • Conjuntura Internacional

PARA ALÉM DA “ECOLOGIA DO MEDO”: DIREITO INTERNACIONAL, BENS COMUNS E ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA

Ana Margarida Esteves

Texto entregue em Setembro de 2019

“O Sono da Razão Produz Monstros” (Goya)

O DISCURSO PREDOMINANTE SOBRE A CRISE climática contribui para a captura da esfera pública pelo que Slavoj Žižek chama “ecologia do medo”¹. Movimentos como “Extinction Rebellion” e “Fridays for Future” fazem serviço público ao chamar a atenção para as ameaças à biodiversidade, incluindo à nossa espécie. No entanto, o foco da sua ação tem sido mobilizar a opinião pública através de manifestações e “performances” de elevada carga emocional, baseadas em cenários de calamidade.

Num artigo publicado a 5 de Setembro no jornal “The Independent”, Žižek argumenta que o foco num discurso sensacionalista, baseado em intervenções de figuras carismáticas e no uso de imagens de alto impacto emocional mas de validade duvidosa², tem um efeito contraproducente. Além de alimentar os argumentos dos negacionistas das alterações climáticas, contribui para “uma desconfiança profunda em relação à mudança, ao desenvolvimento, ao progresso”, exercendo uma função tradicionalmente atribuída à religião organizada: Limitar a capacidade de imaginar futuros alternativos, em nome de uma catástrofe iminente.

O pintor Francisco de Goya é conhecido, entre outras obras de arte, pela gravura intitulada “O Sono da Razão Produz Monstros”³. Esta pode ser interpretada como um aviso em relação a dois fundamentalismos, igualmente destrutivos:

- O da razão, que eleva considerações instrumentais acima de todos os critérios morais ou estéticos. Tal atitude está na base do modelo económico extractivista que levou à actual crise climática;
- O da emoção, que leva ao que Rob Riemen chama a “sociedade do kitsch”⁴, onde o impacto nos sentidos e na imaginação se torna o princípio basilar da ação pública, em detrimento de uma análise racional, sistémica e historicamente contextualizada.

Os regimes totalitários do século XX mostram a fragilidade dos valores humanistas diante da emergência da “sociedade do kitsch”, que tende a apontar as instituições democráticas como responsáveis pela frustração das expectativas de “bem-estar”. Um exemplo é a forma como o movimento *Lebensreform* (“Reforma da Vida”)⁵ contribuiu para a emergência do nazismo entre as duas guerras mundiais. Este movimento considerava a sociedade industrial como promotora de “degeneração” física e moral do *volk* alemão e seu meio ambiente, defendendo a sua “regeneração” através do “regresso à natureza” e a formas pré-modernas de organização económica, social e política.

Moralizar para controlar

O discurso da “ecologia do medo” aproxima-se perigosamente do veiculado pelo movimento *Lebensreform* entre as duas guerras mundiais. Ao focar-se numa interpretação moralista da crise, desvia a atenção das estruturas de poder e reprodução cultural, que promovem a predação dos ecossistemas. Além disso, promove uma abordagem moralizante da crise climática que alimenta pulsões autoritárias. A sua expressão mais radical encontra-se em setores do movimento de permacultura e ecoaldeias, que vêm na Razão a causa primordial da “destruição da Mãe Terra” e defendem como solução uma “redescoberta do sagrado”, baseada numa abordagem acrítica e nostálgica de mundivisões pré-modernas que em muito se assemelha ao discurso da extrema-direita. Um dos exemplos mais extremos é o “Anastasianismo”, movimento neo-rural inspirado por Vladimir Megre, empresário russo e autor de *The Ringing Cedars of Russia*⁶, uma série de dez romances, o primeiro dos quais foi publicado em 1997, que inspirou a criação de milhares de ecoaldeias cujo lema é “Família, Tradição e Ecologia”. Tais princípios são sustentados por uma espiritualidade neo-pagã, baseada numa reconstrução de crenças religiosas pré-cristãs, e por uma orientação política de carácter nacionalista que inclui o apoio incondicional a Vladimir Putin e seu governo⁷.

“**Está a emergir (...) uma nova cultura de distinção social, na qual os sinais exteriores de riqueza se fundamentam no “consumo sustentável”(...)**”

Tal abordagem moralizante também está presente em setores da classe média de países industrializados que interpretam a sustentabilidade ambiental como uma questão sobretudo de higiene, estética e “bem-estar”. Está a emergir nestes setores uma nova cultura de distinção social, na qual os sinais exteriores de riqueza se fundamentam no “consumo sustentável”, nomeadamente de produtos orgânicos e tecnologias não-poluentes cujos preços são ainda inacessíveis para as massas. Daqui para a recuperação do discurso do “pobrezinhos mas limpinhos” – desde que os pobres sejam os “outros”, obviamente – é um passo de formiga. Discurso esse que tende a apontar grupos sociais inteiros como agentes patogénicos: Das “massas ignorantes e irresponsáveis” a minorias

étnicas cujas práticas culinárias e higiénicas chocam com as destes setores “bem-pensantes”. Setores estes que facilmente irão deitar fora a sua máscara politicamente correta, se o agravamento dos efeitos das alterações climáticas levarem a migrações em massa dos países mais atingidos. Segundo Philip Alston, enviado para os direitos humanos da ONU, tais migrações podem levar a que os países menos atingidos defendam o seu “bem-estar” através de barreiras à imigração e medidas discriminatórias que levem a um “apartheid climático”⁸. Tal proposta está presente na visão apocalíptica de Steve Bannon e a sua proposta para um “renascimento do Ocidente”.⁹ Poderá entrar também, de forma mais ou menos insidiosa, na agenda política da União Europeia, sobretudo tendo em conta que o novo colégio de comissários europeus inclui um responsável pela “preservação do modo de vida europeu”.

A perspetiva de um “apartheid climático” não é exclusiva do nosso tempo. Há séculos que faz parte da imaginação do Ocidente. Foi defendido por escritores utópicos como Tommaso Campanella, autor de *Cidade do Sol*¹⁰, e John Humphrey Noyes¹¹, filósofo norte-americano que fundou a comunidade de Oneida, no estado de Nova Iorque. Ambos defenderam a exclusão de “indivíduos indesejáveis” das suas comunidades sustentáveis, através de barreiras geográficas e socio-económicas, assim como a introdução de medidas eugenistas, com vista à seleção de características físicas e psicológicas que levassem à emergência de um “tipo humano superior”, em harmonia com o meio ambiente¹². Tal abordagem higienista esteve na base das primeiras reservas de conservação ambiental nas colónias britânicas em África¹³, assim como nos primeiros clubes ambientalistas dos EUA¹⁴. Estiveram também na base dos tristemente célebres programas de limpeza étnica na Alemanha nazi¹⁵ e de eugénia na Escandinávia, que os manteve até aos anos 70¹⁶.

O romance “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood, ilustra como a “ecologia do medo” pode levar à morte da democracia: Para manter o “status quo”, as classes dominantes não hesitam em instaurar um regime totalitário que lhes garante prioridade no acesso a bens escassos, neste caso úteros férteis e alimentação sadia. Num dos capítulos, figuras máximas do regime mostram como uma hierarquia rígida permitiu a redução de 78% do carbono atmosférico em apenas três anos, assim como a transição para uma agricultura 100% orgânica. Isto acompanhado de uma teocracia que eliminou direitos laborais, e reduziu novamente as mulheres a propriedade da família e do estado. A visão distópica de Atwood não é mera ficção: A emer-

gência da República de Gilead é uma síntese das derivas autoritárias, motivadas por contextos de escassez, que devastaram o Ocidente durante o século XX.

As alterações climáticas colocam-nos perante uma nova crise de escassez, desta vez ainda mais radical por ameaçar a própria sobrevivência da nossa espécie. Ultrapassar tal crise só será possível através de um modelo de governança que vá além do conceito de “desenvolvimento sustentável”. A escassez induzida pelas alterações climáticas exige que sejamos capazes de fazer mais com menos: Mais qualidade de vida com menos recursos materiais, substituindo o paradigma de crescimento económico, assente no extrativismo e acumulação de valor, por modelos circulares de produção, distribuição e consumo, baseados em sinergias entre os ciclos naturais e a atividade humana.

Do medo à esperança: Convergir movimentos, mudar estruturas, aprofundar a democracia

Como fazer mais com menos sem novas derivas autoritárias? Segundo Christopher McMichael, tal só é possível através de um movimento transnacional que torne claro à opinião pública que a crise climática é provocada pelas mesmas estruturas de poder que têm levado a crescentes desigualdades sociais.¹⁷ Embora o caldo cultural que sustenta a “ecologia do medo” coloque sérios limites à imaginação política e espaço de manobra necessários para uma mudança estrutural, tais limites não são irreversíveis. Há espaços no meio jurídico, no estado e na academia onde estão a ser incubadas estratégias de transição para a sustentabilidade que neutralizam as atuais estruturas de poder e aprofundam a democracia. Um deles é o movimento pelo reconhecimento do ecocídio como crime punível pelo direito internacional, iniciado por Polly Higgins, recentemente falecida, e atualmente liderado por juristas de renome internacional como Baltazar Garzón.¹⁸ Outro é movimento dos Bens Comuns, que inclui especialistas como Gael Giraud, economista-chefe na Agência Francesa de Desenvolvimento. Giraud argumenta que a transição para a sustentabilidade só é possível através de um ordenamento jurídico internacional que proteja os recursos naturais da privatização e promova a sua gestão como bens comuns, segundo o princípio da subsidiariedade.¹⁹ O movimento de Economia Social e Solidária promove uma estratégia de transição para a sustentabilidade baseada na gestão comunitária dos recursos económicos, na relocação das cadeias produtivas e na valorização dos territórios e da diversidade de saberes. Este movimento fundamenta-se numa “comunidade de prática” que envolve pequenos produtores, gestores públicos e académicos e promove um modelo de governança partilhada entre o estado, o tecido produtivo e a sociedade civil. A conferência internacional Economia Social e Solidária e Movimento dos Bens Comuns, cuja segunda edição terá lugar nos próximos dias 6 a 8 de Novembro no ISCTE-IUL, irá reunir in-

vestigadores, ativistas, empreendedores sociais e gestores públicos para discutir estratégias de integração da transição para a sustentabilidade num projeto mais amplo de promoção da justiça social e do aprofundamento da democracia. Esta conferência, aberta ao público, é organizada pelo Centro de Estudos Internacionais (CEI-IUL), com o apoio do Departamento de Economia Política do ISCTE-IUL, do Centro de Ecologia, Evolução e Mudanças Ambientais (CE3C) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (CE3C) e a Incubadora de Economia Solidária da Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Brasil).

“
A perspetiva de um “apartheid climático” (...) há séculos que faz parte da imaginação do Ocidente.
”

A realização deste evento insere-se num propósito maior: Promover uma convergência entre os movimentos de Economia Social e Solidária, Bens Comuns e reconhecimento jurídico do Ecocídio, de forma a garantir que os “monstros” que a “ecologia do medo” (e o “sono da Razão” que esta induz) pode vir a despertar não terão a última palavra no que diz respeito à transição para a sustentabilidade. ■

Notas

¹ <https://www.independent.co.uk/voices/amazon-fires-rainforest-capitalism-bolsonaro-climate-crisis-zizek-a9091966.html>

² O caso mais recente foi a de publicações sobre os incêndios deste ano na Amazônia, da parte de Emmanuel Macron, Leonardo di Caprio, Madonna e Cristiano Ronaldo, que incluíam fotos que não correspondiam aos mesmos (https://www.forbes.com/sites/michaelschellenberger/2019/08/26/why-everything-they-say-about-the-amazon-including-that-its-the-lungs-of-the-world-is-wrong/?fbclid=IwAR2D2vnNVfdmnhqxxOLcQZtyxjHKMeXn_j8VUuy-iF8ZWxLsDmgRH8bMPZE).

³ https://es.wikipedia.org/wiki/El_sueño_de_la_razón_produce_monstruos

⁴ <https://www.carnegiecouncil.org/studio/multimedia/20180201-to-fight-against-this-age-fascism-humanism-rob-riemen>

⁵ <https://en.wikipedia.org/wiki/Lebensreform>

⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/Ringing_Cedars%27_Anastasianism

⁷ <https://www.theglobeandmail.com/news/world/the-bewitching-lure-of-home-grown-cults/article957664/>

⁸ <https://www.publico.pt/2019/06/25/mundo/noticia/mundo-vias-enfrentar-apartheid-climatico-avisa-responsavel-onu-1877540>

⁹ <https://www.newframe.com/long-read-apocalyptic-opportunism-and-the-new-far-right/>

¹⁰ <https://io9.gizmodo.com/a-400-year-old-utopia-that-includes-polygamy-and-eugeni-1564057350>

¹¹ https://en.wikipedia.org/wiki/John_Humphrey_Noyes

¹² <https://io9.gizmodo.com/a-400-year-old-utopia-that-includes-polygamy-and-eugeni-1564057350> ; https://en.wikipedia.org/wiki/Oneida_stirpiculture

¹³ <https://www.cambridge.org/core/journals/african-studies-review/article/elephant-in-the-room-confronting-the-colonial-character-of-wildlife-conservation-in-africa/6A2F07AA3CDA966645AAC064C78122D9>

¹⁴ <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01866762>

¹⁵ <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1085663399800023>

¹⁶ <https://www.theguardian.com/world/1999/mar/06/stephenbates>

¹⁷ <https://www.newframe.com/long-read-apocalyptic-opportunism-and-the-new-far-right/>

¹⁸ https://www.youtube.com/watch?v=rUCTbY7_wkk

¹⁹ <https://reporterre.net/spip.php?page=membre&auteur=Entretien+avec+Gaël+Giraud>